



Um pára-quadras foi utilizado para cobrir a área da exposição

Radiografia da atualidade

FRANCISCO BITTENCOURT

"A Caminho do Paraíso", a III Exposição Mundial de Fotografia organizada pela revista alemã *Stern*, conseguiu no Rio a montagem que está sendo considerada como a mais revolucionária de sua longa carreira pelo mundo. O fato deve-se inteiramente à capacidade de invenção de alguns professores e dos alunos da Escola de Artes Visuais (EAV) do Estado do Rio de Janeiro.

Depois de terem percorrido as cidades mais importantes da Europa, Ásia e Américas, as 434 fotos tiradas em 86 países por 170 fotógrafos chegam agora ao Rio, procedentes de São Paulo, onde foram exibidas no Museu de Arte Assis Chateaubriand. "A falta de recursos financeiros, fomos obrigados a inventar esta montagem, com os materiais mais precários, que eram os únicos que tínhamos disponíveis", diz Rubens Gerchman, diretor da EAV. Junto com Roberto Maia, professor de linguagem fotográfica, e com o auxílio de todos os alunos, Gerchman trabalhou durante uma semana na realização do plano.

O espectador que entra na escola uma antiga mansão senhoria no centro do Parque Lage, vê-se "preso" num verdadeiro labirinto de arames e painéis suspensos onde estão expostas as fotografias. No pátio interno, com sua pérgula, tanque e repuxos, coberto por um enorme pára-quadras, encontra-se o núcleo da mostra, que se espalha pelo antigo salão de festas da cantora lírica Bensanzoni Lage e por quase todas as outras dependências da EAV. O gigantismo do projeto foi muito bem equacionado e a amostragem, já esmagadora e violenta em si, trans-

formou-se numa experiência inesquecível para qualquer espectador.

Os corredores de arame, a luz coada pelo tecido do pára-quadras e o ruído da água dos repuxos criam um ambiente ameaçador que só aumenta o impacto das fotos. A terrível dimensão de situações humanas extremas captadas na linguagem crua do fotojornalismo, atinge o visitante de qualquer lado para o qual se volte. Ao sair para a calma do Parque Lage, ele leva consigo não só a lembrança de mais uma aventura estética, mas uma nova consciência. E não é esse o propósito da mostra?

PARAÍSO PERDIDO

A conotação irônica do título da exposição, "A Caminho do Paraíso", refere-se ao futuro desenvolvimento do homem, segundo as explicações dos organizadores. Mas, para se chegar ao paraíso é preciso que a realidade se modifique e é a realidade mundial, um paraíso perdido, o que as fotos retratam: explosão demográfica, massificação, destruição do meio ambiente, conflitos raciais, catástrofes, competição pela sobrevivência, agressão, paixões desencadeadas e morte.

Só nas últimas nove séries de trabalhos é que surge alguma luz quanto ao futuro, sob a forma de tendências que visam à liberdade, à mobilidade social, maior comunicação entre os homens e conseqüente solidariedade. Mas mesmo nestes trabalhos não há qualquer coisa que se possa chamar de cor-de-rosa; é a dura e negra realidade que nos apresentam os talejados artistas-fotógrafos da *Stern*. Na opinião de muitos, só os alemães, que já sofreram tanto, poderiam produzir uma exposição que, no seu conjunto, é o retrato sem retoques desta década paradoxal em

que se aguçaram os conflitos, a miséria e a riqueza, o escapismo e os movimentos libertários das minorias.

TODOS OS TEMAS

Nada se perdeu ao olhar desses fotógrafos, que percorrem o mundo em busca de notícias para a sua revista. Eles cobriram tudo, trilharam todos os caminhos para nos dar uma visão abrangente da atualidade. Embora as expectativas e esperanças sirvam como um fecho, a mostra é impiedosa para com todas as fraquezas, por isso chocante. Todos nós nos encontramos ali, em um momento ou outro.

Na opinião da maioria das pessoas que estão ocorrendo ao Parque Lage, esta exposição só podia ter sido idealizada pelos alemães. Só eles teriam a coragem de se apresentarem com tanta crueza, em cenas tão deprimentes quanto amargas no seu desperdício de riquezas. Aos norte-americanos não se dá sequer o benefício da dúvida; se fosse eles os criadores da mostra, teriam se retratado de forma bem mais benigna. Os alemães, na amarga lucidez da autopunição, acusam a si mesmos e aos demais países ricos de lascivos, esbanjadores e inconscientes da atual situação mundial. O Terceiro Mundo recebeu um tratamento digno, quase de compaixão, mas sem qualquer traço de paternalismo.

O Brasil foi brindado com uma boa fatia desse bolo. Estamos representados pelos nossos indígenas, por cenas de carnaval (no capítulo do escapismo) e do Nordeste (superpopulação). Não há nada de folclore ou Pão de Açúcar; apenas as Cataratas de Iguaçu são citadas como as maiores do mundo. No bellissimo catálogo, com todo o material fotográfico reproduzido, o Brasil aparece em cores na capa e na contracapa.